

CÂNCER DE COLO DE ÚTERO E A MÁ ADESÃO DA VACINA CONTRA O PAPILOMA VÍRUS HUMANO (HPV): Uma revisão bibliográfica

CERVICAL CANCER AND BAD ADHERENCE TO THE HUMAN PAPILOMA VIRUS (HPV) VACCINE: A bibliographic review

Juliana Caroline Denardin^{1*}

1. Medicina. Centro Universitário UNINORTE. AC, Brasil.

***Autor Correspondente:** julianadenardin@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O câncer de colo de útero tem sido um grave problema de saúde pública, trata-se de uma neoplasia de evolução lenta, por esse motivo o rastreamento efetivo se torna eficaz e com bom prognóstico de cura para a mulher. **Objetivo:** Avaliar os motivos que levam a baixa adesão da vacina contra o Papiloma Vírus Humano (HPV) nos adolescentes, tendo em vista que, a infecção pelo vírus é o principal causador das neoplasias uterinas. **Materiais e métodos:** A metodologia utilizada a coleta de informações disponibilizadas em Português, Inglês e Espanhol nas bases de dados *Lilacs*, *Medline*, *Scielo*, *PubMed* e *Google Acadêmico*, no período entre 2017 e 2021, utilizando as palavras chaves: Papiloma Vírus Humano; Saúde Pública; Vacina HPV. **Resultados:** mostraram que os fatores que mais interferem na adesão à vacinação contra o HPV são as poucas ações educativas que falem sobre a importância da vacina. A imunização contra o HPV se mostra como uma boa estratégia para diminuição do contágio pelo vírus, mas para que o Brasil e o mundo colham bons frutos a partir da inclusão da vacina nos serviços públicos, são necessárias campanhas efetivas e conscientizadoras principalmente para pais e responsáveis. **Conclusão:** Diante dos muitos questionamentos dos responsáveis, concluiu-se que o maior fator da não adesão se dá por falta de conhecimento, corroborando com a importância de uma construção de parcerias entre saúde e educação.

Palavras-chaves: Papiloma Vírus Humano. Saúde Pública. Vacina HPV.

ABSTRACT

Introduction: Cervical cancer was a serious public health problem, it is a slow-evolving neoplasm, which is why effective screening becomes effective and has a good prognosis for a woman to be cured. **Objective:** The study aimed to evaluate the reasons that lead to the low adherence of the vaccine against Human Papilloma Virus (HPV) in adolescents, considering that, the infection by the virus is the main cause of uterine neoplasms. **Materials and methods:** The methodology used to collect information made available in Portuguese, English and Spanish in the *Lilacs*, *Medline*, *Scielo*, *PubMed* and *Google Scholar* databases, in the period between 2017 and 2021, using the keywords: Human Papilloma Virus; Public health; HPV vaccine. **Results:** The harmful results that the factors

that most interfere in adherence to vaccination against HPV are as educational actions that talk about the importance of the vaccine. Immunization against HPV proves to be a good strategy to reduce contagion by the virus, but for Brazil and the world to reap good results from the inclusion of the vaccine in public services, effective and awareness-raising campaigns are required, especially for parents and guardians. **Conclusion:** In view of the many questions raised by those responsible, it was concluded that the biggest factor of non-adherence is due to lack of knowledge, corroborating the importance of building partnerships between health and education.

Keywords: Human Papilloma Virus. Public health. HPV vaccine.

INTRODUÇÃO

O Câncer de Colo de Útero tem sido um grave problema de saúde pública, por se tratar de uma doença com grandes chances de morte e que tem sua incidência aumentada com o passar dos anos, ficando entre as quatro neoplasias que mais matam em idade precoce, antes dos setenta anos de idade. Essa neoplasia costuma evoluir de forma lenta, e por esse motivo o rastreamento efetivo se torna eficaz e com bom prognóstico de cura¹.

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA) esse Câncer ocupa a

terceira posição nos tipos de cânceres que mais afetam a população feminina atualmente, onde são estimados 16.590 casos novos para cada ano entre 2020 a 2022, ou seja, a cada cem mil mulheres há o risco de 15,43 de chance de novos casos. No ano de 2017 ocorreram no Brasil, 6.385 mortes pela doença. O estado que mais se destacou no índice de novos casos foi São Paulo, com 2.250². Na figura 1 pode-se observar a incidência do câncer de colo de útero e sua posição diante das neoplasias mais frequentes no sexo feminino.

	Localização Primária	Casos	%
 Mulheres	Mama feminina	66.280	29,7%
	Cólon e reto	20.470	9,2%
	Colo do útero	16.590	7,4%
	Traqueia, brônquio e pulmão	12.440	5,6%
	Glândula tireoide	11.950	5,4%
	Estômago	7.870	3,5%
	Ovário	6.650	3,0%
	Corpo do útero	6.540	2,9%
	Linfoma não Hodgkin	5.450	2,4%
	Sistema nervoso central	5.220	2,3%

Figura 1: incidência dos dez tipos de câncer mais frequentes estimados para o ano de 2020 nas mulheres.

Fonte: INCA, 2020.

O rastreamento das lesões precursoras do câncer se dá por meio do exame preventivo citológico conhecido também como Papanicolau e ofertado gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). É simples, rápido e indolor para a paciente, geralmente é coletado por médicos ou enfermeiros. Para que o exame seja realizado, a paciente fica deitada na posição ginecológica para coleta de células da ecto e endocérvice, em seguida fixa na lâmina e encaminha ao laboratório responsável^{1,3}.

O Instituto Nacional do Câncer (INCA) orienta que mulheres com idade entre 25 e 64 anos que iniciaram a vida sexual devem procurar uma unidade para realização do exame, isso porque na maioria dos casos é nessa faixa que a mulher apresenta maior chance de lesão de alto grau, podendo ser tratada a fim de não evoluir para o câncer, porém qualquer mulher tem o direito de fazer o exame mesmo fora da faixa etária preconizada⁴.

Atualmente, sabe-se que o Papiloma Vírus Humano (HPV) é o principal agente causador da neoplasia, existindo mais de 150 (cento e cinquenta) tipos do Vírus, sendo que aproximadamente 40 (quarenta) podem afetar o trato genital-oral. Os tipos 16 e 18 são considerados oncogênicos e estão presentes em 70% dos casos de câncer uterino, já os tipos 6

e 11 não oferecem grandes riscos as mulheres, pois não foi comprovada a relação com a doença, mas ainda assim pode causar verrugas genitais tanto nos homens quanto nas mulheres. A infecção pelo Vírus geralmente é transitória, desaparecendo de maneira espontânea, sendo estimado que aproximadamente 80% de todas as mulheres irão em algum momento da vida se contaminar com algum tipo de HPV^{5,6}.

A transmissão do vírus HPV ocorre principalmente por meio da via sexual com parceiros infectados e sem proteção, sendo considerada uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) muito comum, mas também com possibilidade de transmissão vertical (de mãe para filho durante o parto). Alguns fatores de risco também estão relacionados com a doença como: Tabagismo, início precoce da vida sexual, vários parceiros sexuais, baixa higiene, imunidade baixa, uso de anticoncepcionais, múltiplas gestações, idade, situação econômica, entre outros⁷.

A fim de conter a infecção e promover a diminuição dos casos de cânceres causados pelo agente HPV, a estratégia escolhida pelo Ministério da Saúde desde 2014, através do Programa Nacional de Imunização (PNI) foi a inclusão da vacina quadrivalente com capacidade de produzir anticorpos contra as principais cepas (6, 11, 16 e 18) ao calendário

vacinal do Sistema Único de Saúde (SUS). Inicialmente meninas entre 11 e 13 anos eram imunizadas, sendo essa faixa etária estendida em 2017 para 9 a 14 anos, para o público feminino e 11 a 14 anos para os adolescentes do sexo masculino^{8,9}.

A vacina é composta por duas doses e com intervalo de seis meses de uma para outra, os países que adotaram o esquema de vacinação nas escolas, tiveram uma boa taxa de adesão, já aqueles países que incluíram a vacina em Unidades Básicas de Saúde (UBS) na segunda fase, tiveram dificuldade para atingir os indicadores. A falta de informação, principalmente dos pais quanto ao risco causado pelo HPV, gera grandes prejuízos quanto a vacinação, já que a recusa para a aplicação da vacina em muitos casos se dá principalmente pelo fato de que, a vacina induz seus filhos a iniciarem a vida sexual^{10,11}.

A vacinação nos adolescentes tem como objetivo diminuir o risco da contaminação e por consequência, a proteção na idade adulta. Em termos de cobertura vacinal, é de importante entendimento os determinantes de risco para o desfecho adequado, dentre as variantes estão os fatores ambientais, sociais, econômicos e os referentes ao sistema de saúde de cada região¹¹⁻¹².

No que diz respeito à segurança da vacina, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma boa aceitação pela população que recebeu a imunização. Após mais de duzentas milhões de doses espalhadas pelo mundo até o início do ano de 2016, nenhum efeito com característica adversa grave foi relatado, apenas 10% a 20% dos vacinados apresentaram dor, eritema ou edema no local da aplicação. Estima-se que a proteção pela vacina permaneça no organismo por pelo menos vinte anos¹³.

Diante da grande problemática relacionada ao câncer uterino, e a estratégia de vacina como principal ferramenta de proteção contra o Vírus, o presente estudo objetivou, através de uma revisão de literatura, avaliar os motivos da má adesão da vacina contra o HPV como fator para o desenvolvimento de câncer de colo de útero.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma revisão de literatura sistemática, de cunho exploratório e descritivo, onde teve como objetivo principal avaliar as circunstâncias que levam a má adesão dos adolescentes a vacina contra o HPV, podendo servir como recurso para ações de transformação da realidade posteriormente.

Os resultados foram exibidos na forma qualitativa, sustentados a partir de fontes secundárias coletadas nas bases de dados Lilacs, Medline, Scielo, PubMed e Google Acadêmico, disponíveis em Português, Inglês e Espanhol. O período considerado para o trabalho foi entre 2017 e 2021, utilizando as palavras chave: Papiloma Vírus Humano; Saúde Pública; Vacina HPV.

Para a escolha dos artigos, os critérios de inclusão utilizados foram: trabalhos que tivessem o título relacionado com o tema da pesquisa, bem como, o objetivo. Após a busca nas bases de dados, 152 estudos foram selecionados. Em razão do contexto dos resumos fugirem do objetivo do trabalho, 117 foram excluídos e 35 foram escolhidos para o desenvolvimento completo, sendo os resultados baseados em 20 estudos. Os motivos que levaram a exclusão dos artigos para a pesquisa bibliográfica foram motivados devido à falta de ligação

do estudo após a leitura, assim como artigos que envolviam animais ou que fugiram da faixa etária para a vacina.

Após a escolha dos artigos, os resultados foram lidos e correlacionados entre si, a fim de esclarecer os questionamentos mais frequentes diante da má adesão da vacina HPV em adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostraram que os fatores que mais interferem na adesão à vacinação contra o HPV são as poucas ações educativas mostrando a importância da vacina, indicando a necessidade de melhorar o esclarecimento sobre os riscos da infecção pelo agente e seus métodos de prevenção através da vacinação, bem como, a falta de conhecimento dos pais ou responsáveis acerca do tema¹⁰. No quadro a seguir (1), encontra-se os 20 estudos que serviram como base para os resultados da pesquisa bibliográfica.

Quadro 1: Levantamento dos dados a respeito da má adesão da vacina HPV. 2021.

AUTOR: NOTEJANE, M. *et al.*, 2018.

METODOLOGIA: Estudo descritivo, realizado com questionário anônimo respondido por adolescentes a partir dos 12 anos de idade, que estivessem internas em cuidados intermediários do Hospital Pediátrico do Centro Hospitalario Pereira Rossell, no período do segundo semestre de 2016. Adolescentes que não se sentiram confortáveis em participar foram excluídas, bem como portadoras de deficiência mental.

RESULTADOS: O motivo de não vacinação mais frequente foi a falta de conhecimento da existência da vacina (71,6%), em seguida com (19,4%) ficou a rejeição ou negativa da adolescente ou do responsável. Mas o principal motivo de rejeição a ser vacinada foi a falta de informação sobre o tema. Nenhum efeito adverso grave foi registrado.

AUTOR: MOURA, A. B. F; TEIXEIRA, A. B., 2019.

METODOLOGIA: Pesquisa qualitativa, realizada por meio de questionário distribuído entre 205 estudantes na faixa etária entre 9 e 14 anos de idade, em uma escola pública de Canindé no Estado do Ceará.

RESULTADOS: Na pesquisa, notou-se que 63,78% dos participantes, eram meninas e mais da metade (42,70%) tinham entre 13 e 14 anos. De todos os participantes, 69,19% afirmaram que tomaram pelo

<p>menos uma dose do imunizante.</p> <p>AUTOR: LEITE E SOUSA, P. D. <i>et al.</i>, 2019.</p> <p>METODOLOGIA: Foram elaboradas 31 questões a partir de dados disponíveis na literatura e foram divididas em seis categorias. Os questionários foram aplicados aos adolescentes, responsáveis e profissionais de saúde, ao todo foram 390 e 79,7% eram do sexo masculino, enquanto que 20,3% do sexo feminino. A proporção de acerto das respostas e respectivo intervalo de confiança de 95% foram utilizados para descrever cada questão.</p> <p>RESULTADOS: Pôde-se verificar que o maior índice de erros foi entre adolescentes quando perguntados sobre o HPV. Os grupos também mostraram pouco conhecimento quanto a segurança e eficácia da vacina. Adolescentes, responsáveis e profissionais não mostraram barreiras de aceitabilidade à vacina.</p>
<p>AUTOR: ABREU, M. N. S. <i>et al.</i>, 2018.</p> <p>METODOLOGIA: Estudo transversal, em Ipatinga no Estado de Minas Gerais. Participaram da pesquisa 591 indivíduos residentes, a amostragem estratificada foi por quotas, respeitando o número de indivíduos separados por sexo e idade em cada uma das oito regionais administrativas da cidade. Para avaliação dos fatores ligados ao conhecimento sobre HPV utilizaram-se os testes qui-quadrado ou t-Student e modelo de regressão logística binária.</p> <p>RESULTADOS: 40,1% dos entrevistados disseram saber o que é HPV. Pessoas do sexo feminino tinham mais conhecimento sobre o tema, o grau de escolaridade também contou para o conhecimento em ambos os sexos, enquanto que usuários de serviços particulares estavam mais familiarizados com o assunto, outro ponto que estava associado ao conhecimento sobre o vírus, eram as campanhas relacionadas.</p>
<p>AUTOR: AQUINO, F. L., 2018.</p> <p>METODOLOGIA: Estudo transversal de cunho quantitativo, com 288 adolescentes de duas escolas estaduais em Pernambuco. Para obtenção dos dados, houve a aplicação de um formulário e as informações lançadas em no banco de dados Excel 2003, após isso, analisados com o programa estatístico EPI INFO versão 7.2.2.6</p> <p>RESULTADOS: Embora muitos dos questionados responderam ter conhecimento sobre o HPV (48,96%), a maioria disseram não ter conhecimento sobre a forma de transmissão, 97,57% não sabiam sobre a vacina como método de proteção e 82,99% não souberam relacionar o câncer de colo com HPV.</p>
<p>AUTOR: FONSECA, E. A. B. <i>et al.</i>, 2017.</p> <p>METODOLOGIA: A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2015 com auxílio do site da Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba. O foco foi a utilização da primeira e segunda dose por adolescentes.</p> <p>RESULTADOS: A primeira dose da campanha alcançou 98,69% da cobertura, ultrapassando as expectativas do Ministério da Saúde. Porém houve uma queda na segunda dose, tendo cobertura de 56,55%. Para o Núcleo de Imunização da Secretaria de Estado de Saúde, a queda se deu principalmente pelo fato do local de aplicação, pois as escolas abrangem o maior número de pessoas, a segunda dose foi aplicada nos postos de saúde, o que dificultou para os responsáveis.</p>
<p>AUTOR: SILVA, H. C, D. A. <i>et al.</i>, 2020.</p> <p>METODOLOGIA: tratou de uma pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando o método de análise de conteúdo de Bardin.</p> <p>RESULTADOS: Das 41 pessoas entrevistadas, 27% apresentaram boas informações sobre o assunto, 22% já ouviram falar, porém não faziam ideia da importância e 51% mostraram-se leigos sobre o tema. Quando questionados sobre os benefícios da imunização, houve uma concordância entre os pais e responsáveis de que a vacina pode prevenir seus adolescentes contra as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), e câncer de colo.</p>
<p>AUTOR: OLIVEIRA, M. S. F. de <i>et al.</i>, 2020.</p> <p>METODOLOGIA: A pesquisa foi do tipo transversal, em uma Unidade de Saúde na cidade Cruzeiro do Sul no estado do Acre no ano de 2017 e contou com 190 adolescentes com idade entre 10 e 19 anos. Um questionário com 27 questões foi aplicado, o conteúdo das perguntas era sobre o conhecimento e aceitabilidade da vacina contra o HPV.</p> <p>RESULTADOS: No estudo, não foi observado que os fatores como ter filhos ou companheiros, interferiram na vacinação dos adolescentes ou não. Quando questionados sobre o HPV, 150 falaram que se trata de um vírus, 121 acreditam que o HPV está relacionado com o câncer de colo, 148 tinham conhecimento da vacina e que ela é disponibilizada pelo SUS e 115 conheciam alguém que já tomou a vacina. No entanto, houve um grande número de respostas relacionadas ao uso da vacina como estímulo ao início precoce da atividade sexual.</p>
<p>AUTOR: KORNIDES, M. L; MCREE, A. L; GILKEY, M.B., 2018.</p> <p>METODOLOGIA: Tratou de uma pesquisa online em setembro de 2016, com uma amostra nacional de pais de crianças de 11 a 17 anos. Para os 494 que disseram já ter recusado a vacina contra o HPV para</p>

seus filhos, a pesquisa avaliou se eles aceitaram a vacina em uma visita subsequente. Foi usada regressão logística multivariável para avaliar correlações de aceitação secundária.

RESULTADOS: 45% se mostraram abertos para a vacina e 24% disseram que pretendem imunizar seus filhos. Contudo os responsáveis pelos adolescentes afirmaram que se sentiram mais seguros depois de receberem aconselhamento sobre a vacina e seus benefícios após a pesquisa. Corroborando com dados disponíveis na literatura sobre a importância da disseminação de informações para a população, principalmente para aqueles que são responsáveis pelos adolescentes.

AUTOR: THEIS, R. P; WELLS, B. A; STARAS, S. A. S., 2020.

METODOLOGIA: A pesquisa realizada com 11 pais e 9 profissionais de saúde em três clínicas de atenção primária, a fim de entender a preocupação dos mesmos com os efeitos colaterais. As transcrições dos grupos focais foram analisadas usando iterações de codificação dedutiva e indutiva, com codificação independente por dois revisores treinados para melhorar a confiabilidade entre avaliadores.

RESULTADOS: Apesar de saberem que seus filhos estão seguros com a vacina, ainda ficam se questionando sobre os efeitos colaterais, contestando se a severidade dos efeitos é relativa às necessidades de cada criança, afirmando que enquanto para uns a podem ser leves para outros pode ser grave. Além de atribuírem sua falta de confiança a transparência de dados, para acreditarem na credibilidade da vacina.

AUTOR: BISELLI-MONTEIRO, M. *et al.*, 2020.

METODOLOGIA: Para analisar o conhecimento sobre o tema HPV entre estudantes calouros e veteranos dos cursos de saúde de uma universidade no Brasil, a pesquisa foi dividida em duas etapas, onde a primeira contou com 492 alunos, onde 290 do sexo feminino e 202 do sexo masculino, e a segunda etapa foi três meses depois, e contou com 233 estudantes. Um primeiro questionário sobre aspectos sociodemográficos, antecedentes sexuais e conhecimento sobre o HPV e sua vacina foi aplicado ao total de 492 estudantes. Após três meses, um novo questionário contemplando 233 estudantes, onde analisava o novo índice de vacinação entre eles.

RESULTADOS: A maior parte dos alunos sabiam que o HPV é grande responsável pelo câncer uterino, porém não tinham conhecimento sobre outros tipos de doenças causadas pelo vírus. Analisou-se que os veteranos possuíam mais informações sobre o HPV quando comparados aos calouros. Depois da aplicação dos primeiros questionários percebeu-se que o aumento da taxa de vacinados subiu de 26% e 8% entre mulheres e homens respectivamente para 52% e 27% respectivamente.

AUTOR: ZANINI, N. V. *et al.*, 2017.

METODOLOGIA: Estudo observacional transversal, com inquérito domiciliar com delineamento descritivo, com 58 adolescentes que não se imunizaram com a primeira e/ou segunda dose da vacina no tempo preconizado pela campanha vacinal de 2014. Para coleta de dados, foi aplicado questionário por meio de entrevistas pessoalmente.

RESULTADOS: A maioria dos entrevistados já ouviram falar sobre o HPV, mas não conheciam a relação entre o vírus e o câncer uterino, embora mais da metade responderam certamente sobre as verrugas causadas. A adesão a vacinação está diretamente ligada ao entendimento sobre as vantagens e efeitos, ainda que a escola seja o melhor ambiente para as campanhas, todas as informações também devem chegar até os pais, já que são os maiores incentivadores.

AUTOR: PRINCE, K. A., 2017.

METODOLOGIA: Estudo retrospectivo, descritivo, transversal, com abordagem quantitativa e caráter exploratório. Os dados foram coletados pela base de dados do Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunizações (PNI), avaliando aspectos sociodemográficos e clínicos, referente ao registro de vacinados contra HPV no Brasil, em 2014.

RESULTADOS: As regiões Sudeste e Nordeste lideraram a campanha com maior número de vacinas aplicadas entre jovens de 11 a 13 anos de idade, isso pode se explicar devido à grande população se concentrar nessas regiões. O estudo revelou que a cobertura da 1 dose chegou a quase 100%, diminuindo quase pela metade na 2 dose, devido a aplicação ter sido realizada fora das escolas. Embora a vacina esteja presente no calendário vacinal desde o ano de 2014, os adolescentes e seus responsáveis ainda não demonstram conhecimentos suficientes dificultando assim, adesão a vacina. Colaborando para o aumento anual dos casos de CCU no Brasil e no mundo.

AUTOR: FRANÇA, S. B. *et al.*, 2017.

METODOLOGIA: Estudo epidemiológico descritivo, onde os dados foram obtidos através de consulta à base de dados do Programa Nacional de Imunização (PNI), concedido pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no endereço eletrônico (<http://www.datasus.gov.br>), em novembro de 2015. Os dados foram coletados de todas as regiões do país, porém com foco no estado de Minas Gerais e da microrregião da Serra Geral.

RESULTADOS: Em 2014 a imunização no Brasil foi de 99.49% na primeira dose, 58.35% na segunda dose. A região Sul apresentou 68% no percentual de vacinação e a região Sudeste ficou com 67% da

cobertura estimada. Minas Gerais apresentou 52% de vacinados, sendo a mais baixa da região. A Serra Geral e alguns municípios não alimentaram o sistema com as informações. A prevalência de mais vacinados foi na cidade de Pai Pedro e a menor em Serranópolis de Minas.

AUTOR: LOBÃO, W. M., 2018.

METODOLOGIA: Pesquisa realizada com pais/responsáveis de adolescentes menores de 18 anos por meio de questionários respondidos por telefone, nos meses de julho de 2015 a outubro de 2016. O material foi criado utilizando os seguintes fatores: informações sociodemográficas, conhecimento, atitudes e práticas dos pais em relação à vacina anti o HPV. Foi utilizado o teste qui-quadrado (χ^2), onde os resultados considerados significativos para $p < 0,05$.

RESULTADOS: A pesquisa selecionou 2.324, mas apenas 826 concluíram os questionários. 85% eram do sexo feminino e a idade variou entre 18 e 82. A aceitação parental da vacina contra o HPV teve boa aceitação para adolescentes menores de 18 anos. Os pais que não queriam o imunizante, não sabiam bem o que era o HPV, nem como se dá a infecção ou que o vírus pode causar verrugas. Outra pergunta que gerou dúvidas, foi sobre o benefício da vacina antes do início da vida sexual. Alguns pais não tinham o conhecimento sobre a vacina ser tanto para meninas, quanto para meninos. As atitudes significativamente relacionadas à aceitação do imunizante incluíram fatores como: credibilidade do imunizante e confiança no PNI. Os pais que achavam que os efeitos colaterais se sobrepujam aos benefícios, foram resistentes. Entre os 291 pais com adolescentes na idade correta para receber a vacina contra o HPV, 207 disseram que sua (s) filha (s) tomaram pelo menos uma dose e 170 as duas doses ou mais.

AUTOR: TEIXEIRA, C. S. C. *et al.*, 2017.

METODOLOGIA: Foram selecionadas 91 mulheres de um centro de saúde, 48 participantes tomaram as três doses do imunizante contra o HPV e 43 receberam as doses de placebo, com seis meses depois as amostras cervicais foram coletadas. 1.492 amostras foram analisadas e genotipadas por PCR para busca de HPV. As propriedades dos grupos de vacina contra HPV ou placebo foram avaliadas e relacionadas pelo teste de Qui-quadrado.

RESULTADOS: A infecção cumulativa por qualquer tipo do vírus HPV em 11.3 anos foi de 67% no grupo vacina contra HPV e de 72% no grupo placebo, mostrando um aumento de 4% ao ano no risco de detecção de HR-HPV (não-HPV 16/18) ao longo do tempo, não relacionado com a vacinação. A infecção cumulativa com HPV 16/18 foi de 4% para o grupo vacina anti HPV e 29% para o grupo placebo. 43 episódios de infecção persistente por seis meses por HR-HPV, não relacionados com a vacinação.

AUTOR: SILVA, I. P.; OLIVEIRA, C. M. S., 2018.

METODOLOGIA: Estudo retrospectivo, quantitativo e exploratório, onde foi utilizado o Programa Nacional de Imunização como base para coleta de informações. O período do estudo foi o ano de 2018, e os dados foram analisados pelo software Excel (office 2013).

RESULTADOS: De 2014 a 2017, 6.207 doses foram aplicadas, sendo os anos de 2014 e 2015 os que mais vacinaram. Em 2016 a taxa de vacinação sofreu uma queda na cobertura da primeira e segunda dose.

AUTOR: CARVALHO, A. M. C; *et al.*, 2019.

METODOLOGIA: Trata-se de revisão integrativa da literatura, com busca nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* e *Web of Science, Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

RESULTADOS: Durante a pesquisa, foram identificados como principais fatores para adesão à vacina: nível de informação quanto ao risco de infecção pelo HPV, benefícios da vacinas; a prevenção do câncer de colo de útero e de verrugas genitais; atividade sexual; idade acima de 14 anos; intenção das mães em aderir à vacinação; a comunicação entre pais e filhos sobre infecção sexualmente transmissível, contracepção e preservativo; oferta da vacina na escola; recomendação por professores e profissionais da saúde; segurança e eficácia da vacina.

AUTOR: MOURA, L. L., 2019.

METODOLOGIA: Trata-se de um estudo seccional ecológico, onde 5.565 municípios do Brasil foram analisados. O coorte da população se deu com pessoas nascidas entre 2001 e 2003. Os dados foram divididos em três fases para serem examinados com o software R (versão 3.5.0). A etapa 1 englobou um estudo descritivo da cobertura vacinal acumulada da primeira e segunda dose segundo a coorte de nascimentos, coorte 1, coorte 2 e coorte 3. Na segunda etapa os dados socioeconômicos foram estimados e expostos. Na terceira fase do estudo foram empregados modelos de regressão logística a fim de analisar a associação dos indicadores socioeconômicos e o alcance da cobertura vacinal adequada.

RESULTADOS: Na coorte 1 com o sexo feminino na faixa de 14 anos em 2017, 94.4% dos municípios mostraram cobertura adequada, sendo diminuída na segunda dose (35.8%). Na coorte 2 com a faixa de 15 anos, também com meninas, os municípios tiveram 88.8% de cobertura na primeira dose e 59.5% dos

municípios conseguiram êxito na meta para a segunda dose. Na coorte 3 com meninas de 16 anos, 81.5% dos municípios bateram a meta na primeira dose e 46% na segunda. O estudo também avaliou e mostrou que famílias com condições básicas de moradia e saneamento apresentaram mais positividade na aceitação da vacina contra o HPV. Pra todas as regiões a associação da população urbana com a vacina mostraram positividade.

AUTOR: PEREIRA, F. B; SOUZA, E. P., 2017.

METODOLOGIA: O estudo trata-se de uma pesquisa exploratória e quantitativa. Os dados foram retirados do sistema DATASUS. A idade selecionada foi entre 9 e 14 anos para o sexo feminino e 12 e 13 anos de idade para o sexo masculino, o período que serviu como base foram trabalhos entre 2014 e 2017 do município de Ibiassucê na Bahia.

RESULTADOS: O ano de 2014 teve um índice alto na cobertura vacinal, principalmente em meninas de 12 anos, no ano de 2015 houve redução na idade, o que explicou a maior parte das vacinas terem sido aplicadas em crianças de 9 e 10 de idade. Os anos de 2016 e 2017 registraram uma baixa na aplicação das doses. O total de doses aplicadas entre 2014 a 2017 totalizaram 1.020, sendo 543 só na primeira dose.

No Brasil, a vacina contra o HPV é administrada a partir dos nove anos, possibilitando a proteção antes do início da vida sexual, a administração antes desse contato se torna mais efetiva entre os indivíduos que não foram infectados pelo vírus, seu uso está na maioria dos casos associada à permissão dos pais/responsáveis, por isso se faz necessário que eles estejam bem informados acerca da infecção por HPV e os benefícios da vacina, assegurando a decisão^{14, 15}.

Em uma pesquisa realizada com 185 crianças e adolescentes do ensino fundamental, ao serem questionadas sobre o objetivo da imunização pela vacina 88,65% (164) afirmaram ter conhecimento e que a televisão foi o principal meio para o recebimento da informação, e apenas 11,35% (21) disseram nunca ter escutado sobre o tema. Dentre os entrevistados 98,78% (162) relataram ter consciência sobre o intuito da vacinação, referindo-se que a

mesma serve principalmente para prevenção ao câncer uterino. Dentre os participantes, 69,19% (128) foram imunizados, porém destes, 35,94% (46) não tomaram a segunda dose alegando que não se lembraram de voltar para completar a imunização ou que fazia pouco tempo da primeira dose. Em relação aos 30,81% (57) que não tomaram a vacina, a maioria citou como principal causa da não adesão, o desconhecimento sobre o HPV ou que a vacina não estava disponível na sua Unidade de Saúde¹⁶.

Ainda segundo Moura e Teixeira¹⁶, a utilização da tecnologia para realização de campanhas de vacinação pelo Ministério da Saúde tem se mostrado eficaz com impactos positivos para transmissão de conhecimento da população alvo, bem como dos responsáveis. A adesão a vacinação está diretamente ligada ao entendimento sobre as vantagens e efeitos, embora a escola seja o melhor ambiente para as

campanhas, todas as informações também devem chegar até os pais, já que são os maiores incentivadores.

A vacinação contra o HPV é de extrema relevância para a prevenção primária associada a redução do risco do câncer de colo, visto que, já foi comprovada a ligação do vírus com a neoplasia. Embora a vacina esteja presente no calendário vacinal desde o ano de 2014, os adolescentes e seus responsáveis ainda não demonstram conhecimentos suficientes dificultando assim, adesão a vacina. Colaborando para o aumento anual dos casos de CCU no Brasil e no mundo^{17, 18}.

A fim de avaliar o conhecimento e aceitabilidade da vacina contra o HPV, um estudo com 390 participantes foi realizado na Casa do Adolescente de Pinheiros em São Paulo no ano de 2014. A pesquisa buscou entender o nível de conhecimento entre adolescentes de 10 a 19 anos, pais/responsáveis e profissionais de saúde. Verificou que 60,7% dos entrevistados disseram saber o que é o HPV, 47% afirmaram que o HPV é uma doença sexualmente transmissível, 66,7% disseram que o HPV está relacionado ao câncer de colo uterino. Quando questionados sobre a vacina como forma de prevenção ao câncer do colo do útero 80,4% disseram que a vacina serve como uma forma de

prevenção e 65,8% acham que a vacina deve ser administrada antes do início da vida sexual¹⁹.

Também em 2014, Abreu e colaboradores²⁰ realizou uma pesquisa no município de Ipatinga-MG, com aproximadamente 600 pessoas a partir dos 18 anos de idade. Quando perguntados sobre o que era o HPV, apenas 40,1% souberam responder que se tratava de um Vírus. Destes que sabem sobre a infecção, 97,3% indicaram que é uma infecção sexualmente transmissível e 10% disseram que a transmissão se dá através do contato com a lesão, 14% disseram que a contaminação é por meio de objetos contaminados e 11,8% acham que a transfusão sanguínea é uma porta de entrada para o Vírus. 47,3% afirmaram que o conhecimento se deu principalmente pela TV, 25,3% elegeram os professores como os responsáveis por tal conhecimento e 24,1% falaram que as informações foram adquiridas pela internet.

Ainda sobre o estudo de Abreu *et al.*²⁰ 96,6% dos entrevistados disseram que só mulheres podiam ser infectadas pelo HPV, 81,9% responderam que a infecção pode afetar também indivíduos do sexo masculino e 40% disseram que crianças podem contrair o Vírus. Os entrevistados foram perguntados sobre a transmissão

da mãe para o filho durante a gestação e 56,6% responderam positivamente para a pergunta, enquanto 30% não tinham conhecimento para esse questionamento. Neste estudo, pode-se observar que as pessoas com algum grau de escolaridade sabiam falar melhor sobre o assunto.

Zanini *et al.*²¹, realizou um estudo com 58 meninas no município de Maringá no Paraná e observou que 86% das entrevistadas já tinham ouvido falar sobre o HPV, 48% disse que o HPV está diretamente ligado ao câncer de colo de uterino, 74% alegaram que a infecção pelo HPV se dá por meio de relações sexuais, 62% responderam positivamente sobre a possibilidade de cura para pessoas com HPV e 88% declararam já terem ouvido falar sobre a imunização contra o HPV. Quando questionadas sobre o motivo pela não adesão à vacinação, 37% disse ter receio quanto aos efeitos colaterais e 20% relatou as dificuldades para ir a Unidade Básica de Saúde.

O estudo de Zanini *et al.*²¹ reforça a importância das campanhas efetivas através dos meios mais acessíveis a toda a população, pois das 58 meninas selecionadas para o estudo, 15 ainda disseram que não sabiam que a transmissão do vírus HPV se dá principalmente pela via sexual, corroborando com estudos que mostram

que as informações disponíveis ainda não são suficientes para o conhecimento da população sobre o vírus e a eficácia da vacina¹³.

Um estudo realizado com adolescentes escolares de um município localizado na zona da mata Pernambucana, quando questionados sobre a adesão da vacina contra o HPV, 50% dos entrevistados relataram que foram imunizados, indicando que os pais ajudaram para decisão. Aqueles que optaram por não tomar a vacina indicaram a falta de conhecimento como principal responsável ou que não sentiram vontade para tal procedimento. Quando foram avaliados no tocante a associação entre o conhecimento e a adesão à vacina, foi possível observar que 79% dos jovens com conhecimento sobre o tema, não recusaram o imunobiológico²².

Dentre os resultados obtidos em uma análise de campanha de vacinação contra o HPV nas escolas públicas e privadas do Estado da Paraíba, pôde-se observar que a primeira dose da campanha alcançou 98,69% de meninas, se mostrando superior as expectativas, já a segunda etapa da campanha teve uma abrangência de 56,55% de meninas, identificando uma baixa na adesão à imunização. A disparidade nos números da segunda dose se deu pelo fato da mudança do local de aplicação,

mostrando que a eficácia nas escolas é superior as Unidades Básicas de Saúde, de acordo com a pesquisa²³.

Quando ofertada nas escolas como foi o caso do início da campanha, a cobertura da vacina contra o HPV obteve melhores resultados. Os professores têm um papel fundamental para essa adesão tendo em vista que, existe uma confiança maior entre os pais e alunos quando as informações partem de pessoas instruídas como o educador, juntamente com os profissionais da saúde. As campanhas devem ser efetivas, objetivas e de modo que chegue a todos os públicos, a fim de transformar a realidade atual¹⁰.

Silva *et al.*²⁴ realizaram um estudo para avaliar o conhecimento dos responsáveis a respeito da imunização da vacina contra o HPV em um Centro Municipal de Saúde (CMS) no Município do Rio de Janeiro, dos 41 entrevistados, 27% apresentaram boas informações sobre o assunto, 22% já ouviram falar, porém não faziam ideia da importância e 51% mostraram-se leigos sobre o tema. No momento que foram perguntados sobre os benefícios da imunização, houve uma concordância entre os pais e responsáveis de que a vacina pode prevenir seus adolescentes contra as Infecções Sexualmente Transmissíveis

(ISTs), bem como contra o câncer de colo.

O trabalho de Oliveira *et al.*²⁵, objetivou analisar o grau de compreensão e aceitabilidade dos jovens imunizados e também os que não haviam tomado a vacina contra HPV em uma Unidade de Saúde na cidade Cruzeiro do Sul no estado do Acre no ano de 2017. A pesquisa contou com 190 adolescentes com idade entre 10 e 19 anos. Onde 94,2% afirmaram não ter nenhum companheiro, 12,6% disseram já ter filhos, 15,3% possuíam algum trabalho e 66,8% afirmaram ter uma renda abaixo de 2 salários mínimos. No estudo, não foi observado que os fatores como ter filhos ou companheiros, interferiram na vacinação dos adolescentes ou não. Quando questionados sobre o HPV, 150 falaram que se trata de um vírus, 121 acreditam que o HPV está relacionado com o câncer de colo, 148 tinham conhecimento da vacina e que ela é disponibilizada pelo SUS e 115 conheciam alguém que já tomou a vacina.

Oliveira *et al.*²⁵, identificou que a crença de que a vacina é um estímulo ao início da vida sexual e tem se tornado uma grande barreira para o cumprimento da meta imposta pelo Ministério da Saúde. Trazendo à tona mais uma vez a importância da disseminação de

informações sobre o HPV, sobre a necessidade da vacina e de se criar a imunidade antes mesmo do começo das relações. Mas é necessário afirmar que não implica na não imunização caso já tenha iniciado a vida sexual. Essas referências devem abranger não só os adolescentes, mas principalmente os responsáveis por eles.

Estudos mostraram que a falta de informação por parte das famílias, faz com que ainda exista uma baixa cobertura vacinal tendo em vista que, essas não conhecem os benefícios trazidos pela imunização, gerando a criação de mitos acerca do tema. Esse cenário leva os pais ou responsáveis transmitirem informações equivocadas, geradas por falta de conhecimento, por não saberem conversar com seus filhos sobre o assunto ou não terem abertura suficiente, já que está relacionado a sexualidade, ou por acharem que seus filhos possuem bastante informação devido ao acesso à internet^{27, 28}.

Sendo assim, a educação permanente e a busca ativa são de suma importância para que haja uma ampla cobertura vacinal. O baixo nível de conhecimento sobre os riscos e possibilidades de cura do HPV estão ligados a poucas campanhas sobre o assunto, a luta contra o CCU tem início principalmente com a vacina dos adolescentes, por esse

motivo, esse tema deve ser debatido incansavelmente durante o ano inteiro, não ficando restrito apenas as campanhas de vacinação^{27, 28}.

Em uma pesquisa online, conduzida por Kornides e colaboradores²⁹ a fim de avaliar a aceitação dos pais para a vacinação dos seus filhos, 45% se mostraram abertos para tal procedimento e 24% disseram que pretendem imunizar seus filhos logo. Contudo os responsáveis pelos adolescentes afirmaram que se sentiram mais seguros depois de receberem aconselhamento sobre a vacina e seus benefícios após a pesquisa.

Passar conhecimento aos pais ou responsáveis é a parte mais importante, já que a aceitabilidade do imunizante tem sido bem discutida como principal ferramenta contra o HPV. Por ser indicada preferencialmente em meninas jovens, os pais têm receio de que os adolescentes entendam como permissão para iniciarem a vida sexual. Contudo, cabe as escolas e estado conscientizar a população sobre a resposta imunológica produzida pela vacina em adolescentes mais jovens, que ainda não tiveram contato com o vírus. Isso pode levar a um aumento na confiança para a vacinação^{23, 30}.

Uma pesquisa realizada com o intuito de avaliar a preocupação dos pais ou

responsáveis com relação aos possíveis efeitos colaterais, mostrou que apesar da consciência que seus filhos estão seguros com a vacina, ainda se questionam sobre os efeitos colaterais, contestando se a severidade dos efeitos é relativa às necessidades de cada criança, afirmando que esses podem ser leve para uns e grave para outros. Além de atribuírem sua falta de confiança a transparência de dados, para acreditarem na credibilidade da vacina. Estudos sobre tal vacina mostra boa tolerância, sem efeitos colaterais graves^{10, 31}.

Biselli-Monteiro *et al.*³² buscaram examinar o nível de informações sobre o tema HPV e qual o grau de vacinação que se encontravam calouros e veteranos dos cursos de medicina, fonoaudiologia, farmácia, educação física e enfermagem de uma universidade no Brasil, a pesquisa foi dividida em dois momentos, onde o primeiro contemplou 492 alunos, sendo 290 do sexo feminino e 202 do sexo masculino, e a segunda parte foi 3 meses depois, com apenas 233 estudantes. Na primeira fase 60% das mulheres disseram não ter dado início a vida sexual, enquanto que 11% dos homens deram a mesma resposta.

Ainda de acordo com Biselli-Monteiro *et al.*³² a maioria dos alunos tinha consciência de que o HPV é responsável pelo câncer de colo, mas disseram não

ter conhecimento sobre outros tipos de doenças causadas pelo Vírus. Pode-se analisar que os veteranos possuíam mais informações sobre o HPV em relação aos calouros. Depois da aplicação dos primeiros questionários percebeu-se que o aumento da taxa de vacinados subiu de 26% e 8% entre mulheres e homens respectivamente para 52% e 27% respectivamente.

Noterjane *et al.*³³, buscaram em seu trabalho analisar a conjuntura e a não adesão a vacina contra o vírus HPV. A pesquisa contemplou 112 adolescentes acima de 12 anos de idade internados em um centro de referência no Uruguai no ano de 2016. Dos adolescentes pesquisados 45 disseram que tomaram pelo menos uma dose da vacina, destes, 31 retornaram para finalizar a imunização. A resposta dada com maior frequência quando questionados pela não adesão a vacina foi o desconhecimento dela (71,6%), seguida pela rejeição do adolescente ou do responsável (19,4%).

Utilizar a vacina como método preventivo nos adolescentes é sem dúvida a principal arma contra o HPV, bem como as doenças originadas a partir da infecção. 10.263 doses da vacina foram aplicadas no período de 2014 a 2017, sendo que 91,92% correspondem a primeira dose do imunizante e 35,20%

são responsáveis pela imunização completa em meninas. Já para indivíduos do sexo masculino foram administradas 829 doses, sendo que 6,76% correspondem a primeira dose e 1,32% a segunda. Os anos de 2014 e 2015 mostraram boa adesão a cobertura da vacina, talvez isso se explica porque o Ministério da Saúde promoveu campanhas e divulgações efetivas, justificando a queda dos anos posteriores³⁴.

CONCLUSÃO

Diante do contexto abordado, os resultados mostraram que grande parte da população ainda não possui informações suficientes sobre a importância da vacina contra o HPV em crianças e adolescentes, também foi possível observar que a cobertura vacinal caiu principalmente a partir da segunda dose, quando as escolas deixaram de ser o local de imunização, já que são nesses locais que se concentram grande números de pessoas na faixa etária preconizada para a vacina. Os responsáveis pelos adolescentes ainda têm muitos questionamentos, bem como insegurança no tocante a vacina contra o vírus HPV e os efeitos colaterais.

Sendo assim, é importante uma construção de parcerias entre saúde e educação, com objetivo de apoiar

comportamentos saudáveis, favorecendo conversas de qualidade entre pais e filhos, gerando assim, uma maior aceitabilidade e conseqüentemente a diminuição dos casos de câncer de colo uterino nas mulheres e outras doenças a partir da infecção em ambos os sexos. A estratégia de vacinação lançada pelo Ministério da Saúde a partir de 2014 contra o HPV, é altamente eficaz e segura na redução e prevenção para o CCU e outras doenças causadas pelas cepas presente na vacina. A imunização profilática tem o intuito de proteger os adolescentes contra os quatro subtipos mais importantes do vírus. Mas para que essa estratégia traga bons frutos futuramente, é necessário que haja a implantação de atividades de educação em saúde mais efetivas acerca do tema, principalmente nas escolas, a fim de desmistificar os tabus existentes.

REFERÊNCIAS

1. PAZOS, N. D. N; FARIAS, E. C; ALMEIDA, E. C; AMARAL, M. S. L. A importância da reação em cadeia da polimerase como auxílio no diagnóstico para o papilomavírus humano. **III Conbracis**, Cmpina Grande-PB, 2018.
2. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE – INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2020, incidência de câncer no Brasil, 2020**. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.in>

- ca.local/files//media/document//estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.
3. SANTOS, F. L; *et al.* EXAME CITOLOGICO PAPANICOLAOU: ANALISANDO O CONHECIMENTO DE MULHERES NA ATENÇÃO BÁSICA. **Temas em Saúde**, João Pessoa – PB, v. 17, n. 1, p. 332-352, 2017.
 4. INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). **Deteção precoce**, 2021. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/en/node/1194#:~:text=Diretrizes%20do%20rastreamento,j%C3%A1%20tiveram%20atividade%20sexual4>. Acesso em: 26 mar. 2021.
 5. CABUYA, H. J. B; *et al.* Estrategias de aceptabilidad de la vacunación contra el virus del papiloma humano: una revisión sistemática. **Suma Psicológica**, Bogotá, v. 27, n. 2, p. 125-141, 2020.
 6. SEQUERA, M; MATAMOROS, A; MENDOZA-LEON, M. J. Genotipos de VPH y cambios citológicos cervico-uterino en pacientes de una consulta ginecológica privada del Estado Carabobo, Venezuela. Marzo-octubre de 2017. **Revista médica Risaralda**, Pereira, v. 26, n. 1, p. 28-37, 2020.
 7. INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). **Controle do câncer do colo do útero - fatores de risco**, 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-do-colo-do-utero/fatores-de-risco>. Acesso em: 26 mar. 2021.
 8. BRASIL. Ministério da saúde. **Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada)**. Brasília, 2018.
 9. BRUNI L. *et al.* ICO/IARC Information Centre on HPV and Cancer (HPV Information Centre). [Human Papillomavirus and Related Diseases in the World. Summary Report](#), 2019.
 10. CARVALHO, A. M. C; *et al.* Adesão à vacina HPV entre os adolescentes: revisão integrativa. **Texto e contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 28, e20180257, 2019.
 11. PEREIRA, F. B; SOUZA, E. P. Cobertura Vacinal do HPV para Adolescentes: Desafios e Possibilidades. **Revista Multidisciplinar e Psicologia**, v. 11, n. 38, 2017.
 12. MOURA, L. L. **Cobertura vacinal contra o Papilomavírus Humano (HPV) em meninas e adolescentes no Brasil: análise por coortes de nascimentos**. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2019.
 13. CARDIAL M. F. *et al.* **Papilomavírus humano (HPV). In: Programa vacinal para mulheres**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia; 2017. C. 4, n. 13, p. 26-39.
 14. LOBÃO, W. M. **Avaliação da aceitação parental da vacina HPV após sua introdução no Programa Nacional de Imunização**. 2018. 93 f. il. Tese (Doutorado em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa) - Instituto Gonçalo Moniz, Fundação Oswaldo Cruz, Salvador, 2018.

15. SORPRESO, I. C. E.; KELLY, P. J. HPV vacina: conhecer e aceitar para assegurar a eficácia. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 5-8, 2018.
16. MOURA, A. B. F; TEIXEIRA, A. B. Avaliação do conhecimento e adesão de estudantes à vacina HPV em uma escola pública no interior do Ceará. **Revista Científica Cadernos ESP/CE**, Ceará, v. 13, n. 1, p. 67-74, 2019.
17. PRINCE, K. A. Adesão à imunização contra o papilomavírus humano na saúde pública do Brasil. **Revista Espaço para a Saúde**, Paraná. V. 18, n. 1, p. 157-164, 2017.
18. GUEDES, M. C. R. *et al.* A vacina do Papilomavírus Humano e o câncer do colo do útero: uma reflexão. **Revista de enfermagem**, Recife v. 11, n. 1, p. 224-231, 2017.
19. LEITE E SOUSA, P. D. *et al.* Conhecimento e aceitabilidade da vacina para o HPV entre adolescentes, pais e profissionais de saúde: elaboração de constructo para coleta e composição de banco de dados. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 58-68, 2018.
20. ABREU, M. N. S. *et al.* Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 849-860, 2018.
21. ZANINI, N. V. *et al.* Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 12, n. 39, p. 1-13, 2017.
22. AQUINO, F. L. **RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO E ADESÃO À VACINAÇÃO CONTRA O HPV EM ADOLESCENTES ESCOLARES.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
23. FONSÊCA, E. A. B. *et al.* Adesão de meninas à campanha de vacinação contra HPV no estado da Paraíba em 2014. **Revista De Ciências Da Saúde Nova Esperança**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 110-118, 2017.
24. SILVA, H. C, D. A. *et al.* Influência dos responsáveis de adolescentes no impacto à adesão da vacina HPV. **Saúde Coletiva**, Barueri, v. 10, n. 52, p. 2222-2231, 2020.
25. OLIVEIRA, M. S. F. de *et al.* Conhecimento e aceitabilidade da vacina contra HPV entre adolescentes vacinados e não vacinados contra HPV na Amazônia Ocidental. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 66, n. 8, p. 1062-1069, 2020.
26. FRANÇA, S. B. *et al.* Adesão das adolescentes à campanha de vacinação contra o papiloma vírus humano: no Brasil, Minas Gerais e microrregião da Serra Geral. **Revista Unimontes Científica**. v. 19, n. 1, p. 02-12, 2017, 2017.
27. SILVA, T. I. M; SANTOS, N. T. N; SILVA, S. P. C. Vacina e HPV: saberes dos pais e responsáveis de meninas adolescentes. **Revista**

- Gestão & Saúde**, v. 1, n. 3, p. 622-637, 2017.
28. RAMOS, A. S. M. B. *et al.* Papilomavírus humano: fatores que interferem na adesão dos adolescentes à vacinação. **Revista Interdisciplinar**, v. 11, n. 3, p. 114-122, 2018.
29. KORNIDES, M. L.; MCREE, A. L.; GILKEY, M.B. Parents Who Decline HPV Vaccination: Who Later Accepts and Why? **Academy Pediatrics**, v. 18, n. 2, p. 37–43, 2018.
30. FREITAS, K. N. P. **Conhecimento e aceitação da vacina HPV como forma de prevenção de cânceres: uma revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biomedicina, Faculdade Maria Milza, Bahia, 2020.
31. THEIS, R. P; WELLS, B. A; STARAS, S. A. S. “I can be the Judge of What’s Serious”: A Qualitative Pilot Study of Parents’ Responses to Messaging About Side Effects of the HPV Vaccine. **Maternal and Child Health Journal**, v. 24, n. 4, p. 456-461, 2020.
32. BISELLI-MONTEIRO, M. *et al.* Influência do Gênero e do Curso de Graduação no Conhecimento sobre o HPV e a Vacina contra o HPV e a Taxa de Vacinação entre Estudantes de uma Universidade Pública. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 96-105, 2020.
33. NOTEJANE, M. *et al.* Estado vacunal y motivos de no vacunación contra el virus del papiloma humano en adolescentes admitidas en el Hospital Pediátrico del Centro Hospitalario Pereira Rossell. **Revista Médica do Uruguai**, Montevideo, v. 34, n. 2, p. 10-28, 2018.
34. TEIXEIRA, C. S. C. *et al.* Detecção de Papilomavírus Humano de alto risco em amostra de colo uterino em um acompanhamento de 11,3 anos após vacinação contra HPV 16/18. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 8, p. 408-414, 2017.